



HAL
open science

Brasil, país da espera

Laurent Vidal

► **To cite this version:**

Laurent Vidal. Brasil, país da espera. Confins - Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia, 2019, 501, <10.4000/confins.21140>. <halshs-04564747>

HAL Id: halshs-04564747

<https://shs.hal.science/halshs-04564747v1>

Submitted on 25 Jun 2025

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 - Attribution - Non-commercial use - ShareAlike - International License



Confins

Revue franco-brésilienne de géographie

501 | 2019

O Brasil e a revolução geopolítica mundial

Brasil, país da espera

Brésil, pays de l'attente

Brazil, country of waiting

Laurent Vidal

Tradutor: Higor Mozart Geraldo Santos (GEHOCITE/UFV) higormozart@gmail.com



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/confins/21140>

DOI: 10.4000/confins.21140

ISSN: 1958-9212

Editora

Hervé Théry

Este documento é disponibilizado por INIST - Centre national de la recherche scientifique (CNRS)



Refêrencia eletrónica

Laurent Vidal, «Brasil, país da espera », *Confins* [Online], 501 | 2019, posto online no dia 09 setembro 2019, consultado o 25 junho 2025. URL: <http://journals.openedition.org/confins/21140> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.21140>

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 de junho de 2025.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY-NC-SA 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

Brasil, país da espera

Brésil, pays de l'attente

Brazil, country of waiting

Laurent Vidal

Tradução : Higor Mozart Geraldo Santos (GEHOCITE/UFV) higormozart@gmail.com

- 1 O Brasil impõe às ciências humanas não apenas a compreensão de um espaço distante, mas também de uma temporalidade diferente, de configurações sociais originais, de práticas culturais singulares; pelo menos, sabemos disso desde a missão francesa que levou à fundação da Universidade de São Paulo (USP), que incluiu, entre outros, Claude-Lévi-Strauss, Fernand Braudel e o geógrafo Pierre Monbeig. César Simoni Santos escreve sobre isso em artigo intitulado “Pierre Monbeig e o vacilo de uma tradição nos trópicos”:



« No novo mundo, a dinâmica territorial de avanço da civilização ocidental, ao mesmo tempo em que exigia novos recursos teóricos e conceituais para a sua devida interpretação, abria um novo universo de possibilidades no campo disciplinar da Geografia. [...] Pierre Monbeig, diante do fenômeno das franjas pioneiras [...] soube, por isso, apresentar caminhos inusitados diante de uma nova realidade. que se apresentava para o conhecimento, sem se livrar, no entanto, da tensão entre a bagagem epistêmica e a pressão do universo de experiências adquirido da fronteira. [Ele] chance de experimentar, quase que de forma simultânea à consolidação do método regional na França, uma realidade que tem aversão à estabilidade dos arranjos espaciais, o que lhe permitiu indagar, com profundidade, a legitimidade do método que havia se normalizado no ofício da geografia ». E ele complementa: « Essa não foi uma experiência significativa

exclusivamente para a Geografia. Roger Bastide também denunciou a insuficiência das “noções” que se aprendem nos países europeus e norte-americanos »

2 Efetivamente, é isso o que Bastide diz:

« Além disso, o sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais qual sistema conceitual usar. Seria necessário, em vez de conceitos rígidos, descobrir noções fluídas, capazes de descrever fenômenos de fusão, ebulição, interpenetração, que seriam moldados numa realidade viva, em perpétua transformação. [...] o sociólogo que deseja entender o Brasil deve muitas vezes se tornar um poeta¹ »

- 3 Os escritores responderam com certa ironia: Blaise Cendrars ("alguém poderia pensar que o Brasil foi descoberto especialmente para o uso de homens das letras e homens de gabinete") e Mário de Andrade ("Sociologia é a arte de salvar o Brasil).
- 4 Seguindo esses grandes mestres, gostaria de propor ou formular uma possível chave de leitura para entender o Brasil, a formação histórica de seu território e de sua sociedade. Essa chave é a espera². Definida como *esperança*, permite descrever a invenção e a estruturação de um território com dimensões continentais. Definida como *tempo morto* (uma pausa na trajetória), ela ajuda a explicar o papel singular que formas arquitetônicas constrangedoras (paradas, acampamentos e outros assentamentos) impõem na estrutura espacial da sociedade. O intuito não é apontar aparente contradição, mas sim tentar compreender a coexistência, complementaridade e entrelaçamento, às vezes sutil, entre essas duas formas de espera (a esperança e a pausa imposta), como o comportamento espacial que elas induzem (mobilidade e imobilidade). A espera nos confronta com uma intenção, ainda silenciosa, que precede o discurso e até mesmo o conceito.
- 5 Essa chave de leitura é hoje muito útil no momento em que o Brasil espera pelo governo do novo presidente, Jair Bolsonaro. E podemos notar que sua marcha em direção ao poder foi marcada por uma expectativa : a de seu retorno à campanha eleitoral após o ataque do qual foi vítima, como evidenciado pela foto abaixo em que ele repete o gesto que o tornou famoso, aponta revólveres imaginários, enquanto o monitor (detalhe ampliado) indica que ele "está em espera". Mas essa chave para a espera permite voltar muito mais na história do Brasil ... até o seu nascimento.

Figura 1 – Jair Bolsonaro em espera...



<https://aosfatos.org/noticias/em-video-gravado-no-hospital-bolsonaro-ataca-pt-com-informacoes-erradas>

Uma esperança devoradora do espaço

- 6 Inventada pelo Tratado de Tordesilhas (1494), mesmo antes de sua descoberta (1500), a "Província de Santa Cruz que vulgarmente chamamos de Brasil" – de acordo com a bela expressão de um de seus primeiros cronistas (Pero de Gândavo) –, não deixa de ser reinventada nos séculos seguintes, pela recusa deste mesmo limite. Deste ponto de vista, a história do Brasil tem sido sinônimo de espera por uma terra.

Ilha do Brasil

- 7 Ilha do Brasil é um bom exemplo. No século XVI, alguns cartógrafos portugueses desenharam o Brasil na forma de uma ilha: os rios Paraná-Prata (no sul) e Amazonas-Tocantins (no norte) juntaram-se em um lago central, localizado além do limite de Tordesilhas. A diplomacia portuguesa confiou por algum tempo nessas cartas para desafiar os limites impostos por Tordesilhas, limites que desconfiguravam o Brasil enquanto uma unidade natural. Mas isso não é tudo: esse lago, muitas vezes chamado de Dourado (variação do nome "Eldorado"), indica a presença, ao lado das motivações geopolíticas, de « motivos edênicos » (Sérgio Buarque de Hollanda) na expansão territorial deste país. Aqui, os dois se entrelaçam, como ilustrado pela fundação de São Paulo, em 1554, no planalto brasileiro, próximo à linha imaginária de Tordesilhas. Enquanto o litoral, através da exploração açucareira e do trabalho escravo, integra cada vez mais a economia atlântica portuguesa (F. Mauro), o planalto tem como horizonte a imensidão de um oceano de terra para descobrir (Jaime Cortesão): é de São Paulo que partem as primeiras bandeiras. Ao longo de um século e meio, em expedições de vários anos, a pé, a cavalo ou de canoa, os bandeirantes penetram no interior, subindo ou descendo rios e córregos, deixando para trás acampamentos, e, todos capturando índios que serão usados como mão-de-obra nas fazendas de São Paulo, descobrem os primeiros depósitos de ouro (1693). Quando as embaixadas espanhola e portuguesa se reuniram em Madri em 1750 para renegociar os limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas, o Brasil já havia triplicado os limites de suas posses.

Figura 2 – A Ilha Brasil



Mapa de Luis Teixeira, 1600 (?)

- 8 O sonho de um « Grande Brasil », acalentado tanto pela coroa como pelos colonos, tem sido mobilizado, por séculos, por uma dupla motivação – geopolítica e mitológica. O Império e a Primeira República aproveitarão esta tocha para estender, cada vez mais, as fronteiras deste país-continente para o oeste: no início do século XX, a febre do ouro negro permitirá novas conquistas territoriais, graças às negociações acadêmicas do barão de Rio Branco, logo alçado ao posto de herói nacional.

Um país em projetos

- 9 Aqui reside uma das características históricas mais importantes de um " país que vive como projeto e aspiração na consciência coletiva dos brasileiros" (Buarque de Hollanda, p.279). Buscando decifrar as principais "aspirações nacionais (...) de valor duradouro e vital, unanimemente aceitas, constituindo uma projeção de todos", o historiador José Honório Rodrigues evoca em particular a *integração territorial*: "A conquista e manutenção de um litoral atlântico de 7400 km, onde nasceu nossa civilização, e a proeza de dominar uma imensidão de território pelo interior do continente, criando uma personalidade histórica distintamente brasileira" (p.80). É precisamente isso que Plínio Salgado, em sua *Geografia Sentimental*, tenta trazer à luz, reconhecendo que "nosso grande poema é ainda o mapa do Brasil" (p.22).
- 10 Desse ponto de vista, o projeto de uma nova capital instalada no coração do país, onde o *lago dourado* já foi mapeado, será apresentado, por mais de um século e meio, como a busca pelo lugar fundador da identidade brasileira. O projeto de Brasília que mobilizou tanto o Estado como parte da sociedade entre o início do século XIX e meados do XX é,

portanto, uma ilustração perfeita de um pensamento e leitura do Brasil como país do projeto.

- 11 E neste mapa do Brasil, além da imensidão e peculiaridades do relevo, são especialmente as formas e modalidades das ocupações humanas que nos prendem a atenção: as vemos como ilhas esparsas, que às vezes assumem a forma de arquipélagos. O que lhes deu nascimento? O chamado da fronteira, da frente pioneira, de terras consideradas livres, que catalisam sonhos de sucesso e busca de identidade "o verdadeiro significado de brasilidade, proclama Vargas, em 1939, é a marcha para o oeste", convidando assim a população a responder ao apelo da imensidão virgem, cujos recursos estão à espera de braços para valorizá-los. Isso explica uma ocupação não linear, que funciona por saltos. Para esses homens e mulheres sensíveis ao apelo da fronteira, o mapa do Brasil é composto por territórios da espera, comparáveis às ilhas abençoadas que os cartógrafos da Idade Média desenhavam. Deixe uma cidade ser fundada, uma pepita de ouro ser encontrada e milhares de pessoas vêm correndo.

O apelo da fronteira

- 12 A construção de Brasília, entre 1957 e 1960, desempenhou esse papel catalisador. Alguns aventureiros, mas sobretudo uma enorme multidão de camponeses sem terra, impelidos pela seca ou por um proprietário de terras inescrupuloso, foram a este território virgem, para construir sua nova capital: rejeitados da modernidade, eles são, no entanto, os que construíram a cidade do futuro, tão vangloriada pela propaganda do governo.
- 13 Em dezembro de 1979, a descoberta de uma pepita de ouro em Serra Pelada (PA) promoveu o afluxo de dezenas de milhares de pessoas à procura de ouro. Em poucas semanas, a montanha não passa de uma mina a céu aberto, uma vasta cavidade, um inferno moderno. Erguendo-se e descendo incansavelmente sobre escadas de fortuna, homens, como formigas, carregam nos ombros sacos de terra oleosa e negra. Mãos vazias, corações cheios de esperança, todos estão em busca da pepita que vai transformar suas vidas. O ouro tem a cor dos seus sonhos, mas o seu corpo é o da lama. Território de esperança, mas também território de decadência, tantas são as humilhações para se aproximar desse sonho.

Figura 3 A Serra Pelada à espera dos garimpeiros



©Hervé Théry 2007

- 14 Mas nem os fracassos e tampouco as decepções, embora duramente marcados no corpo e na alma, irão pôr fim a esta crença social da frente pioneira enquanto lugar de enriquecimento fácil, e, portanto, de possibilidade de renascimento social. Que barulho causado pela descoberta de um depósito de manganês, como na cidade de Simões Filho (Bahia), em 2008, quando em poucos dias um verdadeiro bando humano correu para rasgar as ruas! Pode bem ser, hoje, que a última fronteira é a dos imensos recursos de hidrocarbonetos localizados entre 5000 e 7000 metros abaixo do nível do mar, descobertos no Rio de Janeiro em 2007, e que, mesmo antes da sua exploração permitiu que o Brasil se juntasse ao círculo popular dos países da OPEP. Enquanto eles não podem causar o deslocamento populacional, eles ajudam a manter a esperança de um país com recursos ilimitados.
- 15 Esperar, assim, alimenta o imaginário de um país que vive e pensa em projeto, tanto em suas fronteiras externas (pelo menos até o início do século XX) como de suas fronteiras internas. A frase de Stefan Zweig "Brasil, país do futuro" pode ser criticada, mas ainda assim é relevante em sua capacidade de explicar uma tendência histórica. No entanto, a espera não se reduz apenas à dimensão da esperança. Para um país de imigrantes e migrantes, atravessado em todas as partes por vastos movimentos humanos, é uma característica essencial da administração dos homens em movimento. E se a esperança é caracterizada por um desejo de transcender o real, por um relacionamento que poderia ser descrito como predatório para o espaço e o tempo, a esperançetragedora é por sua vez marcada pela imposição de uma realidade espacial e temporal restritiva.

Esperando por homens em movimento

Albergues de imigrantes ...

- 16 É para lidar com o afluxo maciço de imigrantes europeus, da década de 1880, que o Brasil (das autoridades provinciais às autoridades imperiais ou republicanas) instalará, em poucas décadas, nos principais portos de chegadas (marítimos ou terrestres), uma rede de albergues de imigrantes (hospedarias). De Belém, no norte, a Porto Alegre, no sul, será criada mais de uma quinzena, através das quais passarão mais de 4 milhões de imigrantes. Instaladas, em grande parte, em ilhas (como a Ilha das Flores, inaugurada na Baía do Rio em 1883) ou em edifícios cercados por muros altos construídos nos arredores das metrópoles (como a hospedaria de São Paulo, inaugurada em 1887), criam uma ficção legal: a de um espaço fora do território nacional – território da espera, local de trânsito obrigatório que viabiliza o controle e distribuição recém-chegados ao longo do território.

Figura 4 A Hospedaria dos imigrantes de São Paulo



©Hervé Théry 2010

- 17 Estas hospedarias têm a função primária de controlar corpos e identidades. Os recém-chegados são encaminhados para rápidos exames médicos e sanitários, com a finalidade de identificar doenças e enfermidades que a sociedade brasileira deseja evitar. Sua situação familiar também é examinada: famílias são bem-vindas, homens solteiros também, mas nem pessoas mais velhas nem mulheres jovens sozinhas. Os emigrantes são então registrados (seus primeiros nomes às vezes alterados, para serem mais facilmente pronunciados). Resta apenas identificar seus ofícios antes de distribuí-los como mão-de-obra de acordo com as necessidades do país: os não qualificados nas

fazendas, os artesãos nas cidades... Somente na posse de um contrato eles poderão deixar a hospedaria.

- 18 Muito mais do que a repressão, um tanto rara, esses albergues servem para o controle e distribuição racional dos emigrantes-imigrantes no país. A instalação de dispositivos de espera (que não é exclusiva do Brasil, embora seja esse um dos primeiros países a usar de tal sistema, mesmo antes dos Estados Unidos) permite a aplicação de procedimentos de controle quase-industriais: aqui estão fábricas reais para transformar emigrantes, histórias e projetos de múltiplas vidas, em um grupo uniforme (imigrantes desejáveis), que virá agregar-se no corpo da nação.

... nos campos de seca

- 19 Com o esgotamento dos fluxos de imigração na década de 1920, essas instalações não serão sistematicamente abandonadas. A de São Paulo, de longe a mais importante, continuará a ser usada para o acolhimento de migrantes, esses trabalhadores nacionais considerados estrangeiros em sua própria terra. Impulsionados por secas repetidas no Nordeste, pela impossibilidade de ganhar a posse da terra, pela violência da vida rural... e atraídos pelas luzes de uma cidade que catalisa todas as suas esperanças, eles rumam, em dezenas de milhares, para a grande metrópole industrial. É uma verdadeira odisséia de vários meses que levam essas famílias: a pé, de caminhão, de barco ou de trem; elas vão a qualquer custo em São Paulo.
- 20 Mas durante toda a jornada, as autoridades montaram acampamentos. Isso é para evitar que esses novos mendigos invadam e saqueiem as cidades, como ocorreu em Fortaleza após a grande seca de 1876-77. Nos arredores da capital cearense, vários acampamentos foram construídos às pressas para conter refugiados climáticos flagelados: após a seca de 1915, 8.000 flagelados foram colocados, à força, em um acampamento a oeste de Fortaleza, sob a vigilância diária da polícia; depois de 1932, desta vez, cerca de 70.000 refugiados dessa região do Ceará são agrupados em tais campos em condições de vida desumanas.

Figura 5 Esperando as chuvas



©Hervé Théry 2015

- 21 Famílias que continuam em São Paulo também encontrarão acampamentos em seu caminho: as autoridades de fato estabeleceram vários "pontos de assistência" perto do rio São Francisco, esse grande caminho líquido de migrantes, ou nas encruzilhadas do rio com as estradas e ferrovias. O escritor Jorge Amado, que visitou o campo de Juazeiro no início dos anos 1930, recorda em seu romance *Seará Vermelha*, a vida em um acampamento de quase 300 pessoas, onde « a essência da conversa era fazer projetos para São Paulo (...). A troca de informações imprecisas sobre São Paulo foi a base das relações no campo (...). Eles rejeitaram como falsas e infundadas as afirmações daqueles que voltaram derrotados. E então todo mundo não pode ter sucesso, prosperar e fazer uma fortuna. Alguns permanecerão pobres a vida toda. Tal era o raciocínio das mulheres, mas cada uma delas estava entre o futuro rico e feliz. Foi nesse estado de espírito que eles estavam esperando o navio em Juazeiro ».
- 22 Esses postos e acampamentos só serão desativados na década de 1970 – nesse meio tempo, um milhão de trabalhadores nacionais terão passado por São Paulo! Localizados nas proximidades de cidades de passagem, esses postos de assistência permitem o acantonamento ou a separação de uma população indesejável. Estabelecidas perto das cidades de destino, elas servem ao controle dos migrantes nacionais. Seja qual for a intenção, a espera vivenciada pelas populações em movimento dá origem a formas arquitetônicas restritivas, moldando assim uma paisagem da espera, marcada pela articulação singular entre mobilidade e imobilidade. Um mapa do Brasil representando diferentes hospedarias, campos de seca e postos de socorro, criados entre as décadas de 1880 e 1970, mostraria um duplo cordão sanitário: um primeiro, ao longo da costa, nos principais portos de chegada de imigrantes, e um segundo, ao longo das rotas migratórias (estradas, rios, ferrovias) que vão do Nordeste a São Paulo.

Os acampamentos sem-terra ou o sonho de uma sociedade ideal.

- 23 Mas o enlace entre espera e acampamento não cria sistematicamente estruturas espaciais constritivas. Na década de 1980, a luta dos camponeses sem-terra tomou um novo rumo com a criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): para forçar as autoridades públicas a voltarem seus olhos para a questão da propriedade da terra, o MST funda acampamentos em terras públicas ao longo das estradas. Compostas rapidamente de tendas improvisadas cobertas com lonas negras, eles podem reunir milhares de famílias e durar vários anos. Estes acampamentos mantêm uma dupla relação com a espera: o tempo do acampamento permite a organização de algumas famílias na estrutura de trabalho coletivo (cooperativa) para futura instalação em terra para cultivar (assentamento) e também cumpre o papel de sensibilizar governos para a espera do MST por posses de terras devolutas para criação de assentamentos.

Figura 6 Acampamentos de sem-terras



De cima para baixo e da esquerda para a direita: acampamentos na Baixa do Meio (RS), em Ourilândia (PA), no Pontal do Parapanema (SP) e próximo a ANDRADINA (SP)

© Hervé Théry 2015, 2007, 2006 e 2004

- 24 Aqui, os acampamentos funcionam como territórios da espera devotados à obtenção de uma promessa. De certo modo, eles fazem parte de uma longa tradição histórica: a das comunidades quilombolas negras – que o imaginário nacional tem hasteado há muito tempo na categoria de república ideal – ou comunidades milenares que floresceram no Sertão entre o final do século XIX e o início do XX, como Canudos, uma verdadeira cidade santa, uma cidade de refúgio para a espera do fim do mundo.

Espera, expectativas: o corpo e a alma do Brasil

- 25 A espera, sob a dupla forma de esperança e pausa forçada, dá "corpo e alma" ao Brasil. Além disso, é uma dimensão sempre presente da vida social urbana. Vamos falar sobre esses filas intermináveis, mas impecáveis, antes que os bancos retirem suas pensões, antes dos serviços sociais e outras administrações, ou antes que o ônibus pare nas grandes metrópoles. São poucas as impaciências ou disputas: os rostos são muitas vezes fechados, mesmo se nascem sociabilidades efêmeras, pontuadas pelo humor que permite "matar o tempo".
- 26 Não vamos esquecer outra virtude da espera: para muitos, é um recurso para o desenvolvimento de uma atividade econômica. Assim, o vendedor de rua que está esperando o engarrafamento para se realizar seu negócio, ou esses *barrageiros*, que vão de um local de barragem a um outro local de barragem, sempre à procura de uma nova construção, para exercer sua atividade (e vai do setor da construção até o setor da prostituição). Aqui encontramos a idéia de *jeitinho* (que a escola de sociologia de Chicago havia resumido pela expressão: *getting by*), uma mistura de astúcia e aposta na vida social.
- 27 O grande antropólogo Gilberto Freyre descreverá a concepção ibérica do tempo pela noção de "tempo encantado". Poderíamos usar esse adjetivo para descrever as leituras e práticas do espaço no Brasil. Esse encantamento de tempo e espaço, articulado de maneira original, dá forma a uma poética peculiar ao Brasil, onde a espera (esperança e constrangimento) molda uma paisagem com dimensões continentais, bem como modos de apropriação descontínua, mas ainda sim espacialmente ordenados.

NOTAS

1. Confira a citação em: Laurent Vidal, « Avis, paradis à exploiter », in Jean Duvignaud, *La scène, le monde, sans relâche*, Paris, Babel, 2000, p.161-167.
2. Uma primeira versão deste texto foi publicada na revista *Questions internationales* n° 55 – mai-juin 2012, pp 45-52, e atualizada de acordo com as proposições deste dossiê . Agradeço a Hervé Théry por seu convite e sugestões.

AUTORES

LAURENT VIDAL

 <https://idref.fr/034965246>

Université de La Rochelle (em delegação CNRS UMR Mondes Américains), lvidal@univ-lr.fr